

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 29 No. 1 2016

ARTIGO

O UNIVERSO COTIDIANO E SIMBÓLICO DA CERÂMICA DAS ESTEARIAS: UMA ANÁLISE DA COLEÇÃO RAIMUNDO LOPES (MN-UFRJ)

Angislaine Freitas Costa*, Sarah de Barros Viana Hissa**, Leonardo Waisman de Azevedo***, Felipe Tramasoli****, Leonardo Judice Amatuzzi*****

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma análise da cerâmica arqueológica dos sítios de estearias do Maranhão, coletada por Raymundo Lopes na primeira metade do século XX e atualmente depositada no Museu Nacional-UFRJ. Utilizou-se a análise tecnológica e análise modal proposta por Scotty Raymond a fim de entender as regras estruturais de confecção dos artefatos. Funções hipotéticas relativas a atividades do cotidiano e rituais foram inferidas. Observou-se que existem vasilhas com efígies de animais e outras com pintura contendo grafismos abstratos, sendo essas associadas às atividades de natureza simbólica. Os dados indicam que o conjunto dos artefatos estudados expressa relações sociais, culturais e cosmológicas dos grupos envolvidos em seu fabrico e consumo.

Palavras-chave: Estearias do Maranhão, cerâmica arqueológica, análise modal.

ABSTRACT

This paper presents the results attained by a structural analysis of archaeological ceramics from archaeological sites, characterized as stilt dwellings, located at Maranhão state, Brazil. The archaeological collection was compiled by Raymundo Lopes in the first half of the 20th century and is presently located at the *Museu Nacional – UFRJ*. The technological and modal analysis designed by Scotty Raymond was used in order to discuss structural patterns in artifact making. Hypothetical functions regarding quotidian activities and rituals were inferred. It was observed that there are vessels with animal effigies and other ones with paintings of abstract patterns associated with symbolic activities. The data indicates that the assembly under study expresses social, cultural, and cosmological relations of the people involved in their making and consumption.

Key words: Stilt structures from Maranhão, ceramics, modal analysis.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Arqueologia do Museu Nacional-UFRJ. Endereço do primeiro autor para correspondência: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional-UFRJ. Quinta da Boa Vista s/n. CEP: 20940-040 - São Cristóvão - RJ. E-mail: angislaineffc@gmail.com

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Arqueologia do Museu Nacional-UFRJ.

*** Mestre em arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação de Arqueologia do Museu Nacional-UFRJ.

**** Mestre do Programa de Pós-Graduação de Arqueologia do Museu Nacional-UFRJ.

***** Mestre do Programa de Pós-Graduação de Arqueologia do Museu Nacional-UFRJ.

INTRODUÇÃO

No extremo oeste do nordeste brasileiro, em uma área que combina o clima tropical em florestas, campos e cerrados tendo, ao norte, a costa voltada para o oceano atlântico e, a oeste, a divisa com a região amazônica, existe uma região com grande potencial arqueológico representativo da história das sociedades indígenas.

A história pré-colonial do estado do Maranhão ainda é pouco conhecida pela arqueologia brasileira. Embora, desde 1919, pesquisas arqueológicas tenham sido realizadas, ainda existem diversas questões a serem estudadas sobre as sociedades indígenas pré-coloniais dessa região. A porção noroeste do Maranhão, conhecida como Baixada Maranhense, possui, ao longo de rios e lagos, inúmeros sítios arqueológicos conhecidos como estearias (LEITE FILHO, 2010; NAVARRO, 2013). Esse é um tipo de ocupação particular e única na arqueologia brasileira¹. Tais lugares caracterizam-se pela disposição de esteios que serviram de suporte para a suspensão das habitações indígenas no passado, livrando-as do regime das águas. Embora ocorram distintos objetos cerâmicos e líticos, as abordagens arqueológicas mais recentes priorizaram enfoques paisagísticos e espaciais em virtude da própria configuração dos sítios em ambiente lacustre (NAVARRO, 2013). Até o momento, não foi realizada uma análise sistemática do material arqueológico destes sítios. Esse artigo pretende contribuir para compreensão desse universo. Para tal, objetiva-se caracterizar, em termos estruturais, os artefatos cerâmicos da Coleção Raymundo Lopes (MN-UFRJ), provenientes das estearias da Baixada Maranhense, visando identificar classes funcionais e, desse modo, contribuir para a discussão sobre os usos dos objetos, bem como de seus possíveis contextos sócio-culturais. Destaca-se que os aspectos tecnotipológicos evidenciados na classificação cerâmica podem servir como parâmetros para trabalhos futuros na região.

A amostra analisada nesta investigação está depositada na reserva técnica de Arqueologia do Museu Nacional-UFRJ. A escolha dos objetos deveu-se ao bom estado de conservação do material, que apresenta vasilhas inteiras e semi inteiras, algumas com alto investimento na decoração, bem como uma diversidade morfológica de outros artefatos cerâmicos que complementam a análise (cachimbos, estatuetas, peso de rede e tortuais de fuso). Estes materiais foram coletados em diferentes sítios identificados por Raymundo Lopes nos anos de 1919, 1927 e 1930.

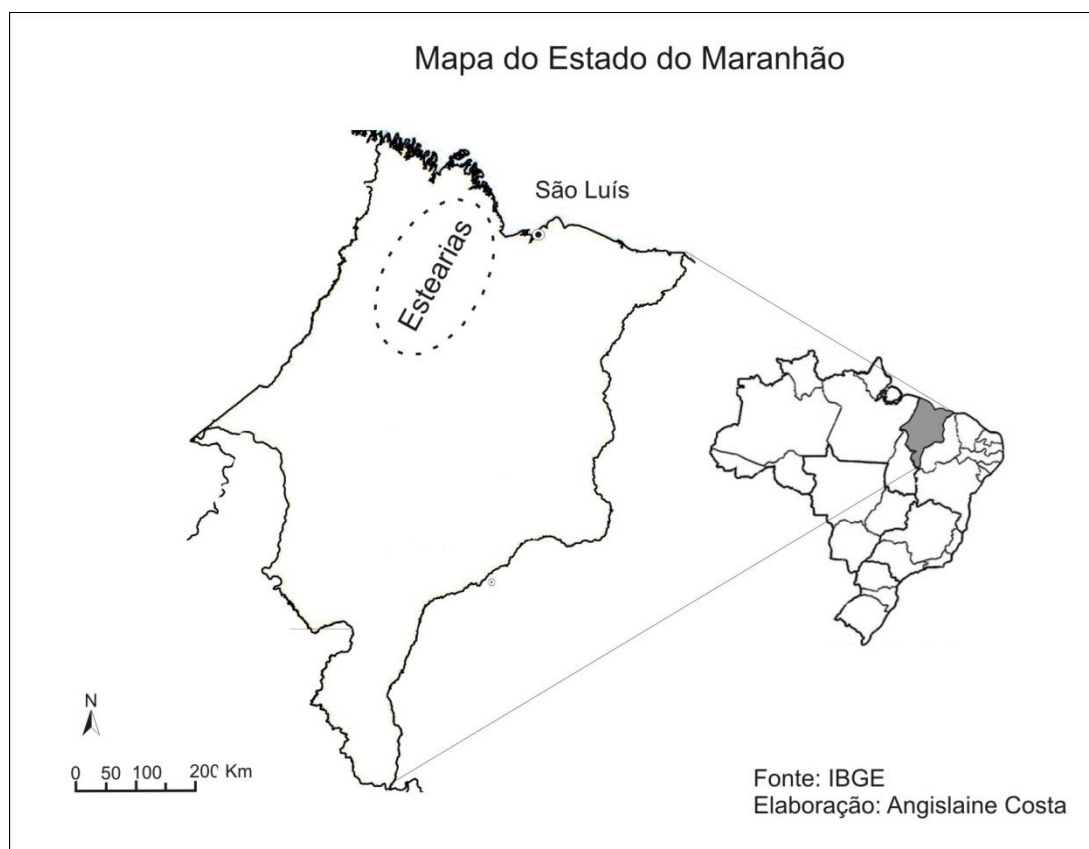
CONTEXTO REGIONAL

O geógrafo e naturalista Raymundo Lopes foi o primeiro pesquisador interessado em se aprofundar no estudo das sociedades pré-coloniais da Baixada Maranhense (Figura 1). Durante suas pesquisas e coletas, iniciadas em 1919 no lago do Cajari, ele identificou uma forma peculiar de ocupar o meio físico. Eram as habitações sobre estearias que ocorriam ao longo desse lago associadas a sítios pré-coloniais (LOPES, 1924; 1931). Lopes entendeu que essas

¹ Palafitas são encontradas em vários grupos etnográficos da América do Sul, especialmente nas áreas das Guianas e seus arredores (LOWIE, 1948).

estruturas eram conhecidas pelos moradores como *esteirias*, termo correspondente à palavra italiana *palaffiti*, utilizada para designar cidades lacustres europeias (LOPES, 1924: 89). As esteirias encontradas por Lopes no Lago Cajari foram descritas como milhares de esteios que são visíveis no verão, mas durante o inverno são ocultados com a elevação da água que chega a atingir dois metros. Ali, segundo o autor, teriam havido habitações de antigas populações indígenas, conforme os vestígios arqueológicos cerâmicos e líticos, bem como os esteios que representavam parte das edificações, que apresentavam contornos irregulares (LOPES, 1924: 89-90; 1970: 142).

Figura 1 - Localização da área de ocorrência das esteirias no Estado do Maranhão.



As esteirias do Lago Cajari não foram as únicas encontradas por Lopes em seus estudos a respeito das moradias pré-históricas da Baixada Maranhense. Outras ocorrências foram verificadas no vale do Pericum, tal como a esteiria do Encantado, que se assentou sobre uma pequena ilha com topografia mais elevada. Nos anos de 1927 e 1930, Lopes identificou, na confluência dos rios Turiaçu e Parauá, diversas esteirias, entre outras: Lago do Genipapo, Lago Caboclo, ilha da Cueira, Lago do Souza, cuja esteiria apresentou cerâmicas distintas das demais, sem pintura e “ornamentos” peculiares (LOPES, 1970).

Raimundo Lopes se esforçou para incluir o registro arqueológico maranhense na agenda arqueológica do Brasil e da América do Sul. Surpreende o diálogo do autor com as principais referências arqueológicas para aquele período como João Barbosa Rodrigues, Frederik Hartt, Domingos Ferreira

Penna, Ladislau Netto, Emilio Goeldi, entre outros. Ele buscou, a partir de perspectivas difusionistas e evolucionistas, comparar as ocupações da Baixada Maranhense com as diferentes manifestações ceramistas, que ocorriam principalmente na Amazônia, traçando rotas de dispersão e migração dessas sociedades do período pré-colonial (LOPES, 1924; 1970). Em várias passagens, observa-se a recorrente comparação das sociedades das estearias maranhenses com os grupos conhecidos na arqueologia amazônica por ter cerâmica elaborada (cultura Marajoara, Cunani e Maracá), associando-as a formações sociais complexas; a grupos etno-linguísticos conhecidos por sua organização hierárquica, tais como os Arawak; ou mesmo a impérios ameríndios como nos casos asteca e inca. Eram comparações que visavam enfatizar um passado de grandeza, para colocar a Baixada Maranhense no mapa das “civilizações pré-colombianas”.

Para o autor, os habitantes cajarienses só estariam ‘abaixo’ do nível cultural dos produtores da cerâmica marajoara, porém, mais diversificados nos artefatos cerâmicos que os “cunanioaras” (LOPES, 1924:97-98). Esta ideia fez com que Lopes considerasse que os vestígios arqueológicos encontrados nas estearias pertencessem a um grupo local muito distinto daqueles tupis que estavam no Maranhão² no momento da colonização europeia (LOPES, 1970), mas que provavelmente estivessem interagindo com as demais sociedades amazônicas durante a história pré-colonial. Na mesma linha de raciocínio, Lopes discute o enigma que cerca os muiraquitãs, que também estiveram presentes entre os artefatos do Lago Cajari, cuja matéria prima é de ágata (uma variedade da calcedônia, ou seja, quartzo) e as técnicas de produção “rudimentares” sustentariam a ideia de uma produção local (LOPES, 1924:104-105). Tal caso levou Lopes a dirigir profunda crítica a Barbosa Rodrigues, que advogava a origem dos muiraquitãs associar-se aos asiáticos, “em grande parte baseada em fictícias interpretações de lendas” (LOPES, 1924:105). A conclusão de Lopes (1924) foi a de que tanto as ocupações lacustres quanto a marajoara eram pré-coloniais e foram extintas antes da colonização europeia, havendo alguma afinidade entre esses grupos desaparecidos e os povos Arawak etno-históricos.

Somente em 1971 pesquisas sistemáticas foram realizadas no Lago Cajari por uma equipe do Museu Paraense Emilio Goeldi (SIMÕES & COSTA, 1978). O estudo direcionado à Cacaria — porção onde os vestígios arqueológicos concentram-se no Lago Cajari — trouxe importantes contribuições, apresentando uma área de habitação circular de 130 m de diâmetro, com esteios distribuídos a cada 2 m de distância e uma datação de 570 anos DC por C14, obtida a partir de um dos esteios coletados desta ocupação (CORRÊA *et al.*, 1991). A pesquisa criou a fase Cajari para essas estearias, que abrange sítios, a exemplo da Cacaria, de 8.000 m² de forma elipsoidal e esteios distribuídos irregularmente, habitados por povos pescadores e agricultores sem correlação com a fase marajoara (CORRÊA *et al.*, 1991; SIMÕES *et al.*, 1977; SIMÕES & COSTA, 1978; SIMÕES, 1981).

² Novas pesquisas arqueológicas de cerâmicas classificadas como sendo da Tradição Tupiguarani atribuem os artefatos aos grupos Tupí históricos que habitaram o Maranhão (cf. LEITE FILHO, 2010).

O arqueólogo Deusdedit Leite Filho (2010) vem trabalhando com a arqueologia do Maranhão e realizou um levantamento de dados de viajantes e cronistas que relatam ocupações indígenas para a região. Ao realizar estudos arqueológicos e dialogar com as fontes históricas, buscou compreender o deslocamento, antiguidade e diversidade cultural indígena no período pré-colonial maranhense. O pesquisador gerou um modelo explicativo sobre a forma de assentamento e o modo de vida das populações que construíram as estearias, formulando duas hipóteses: esses grupos seriam exógenos, tendo se organizado em aldeias autônomas ou em conjuntos de habitações com algum vínculo político entre si devido à homogeneidade cultural e contemporaneidade; os grupos teriam se estabelecidos por meio de várias ocupações sequenciadas e contextualizadas em espaços cronológicos diferenciados.

Outros trabalhos também se propõem a inventariar os sítios de estearias localizados na Baixada Maranhense, objetivando catalogar e mapear diferentes ocorrências relacionadas a esses tipos de habitações lacustres pretéritas para compreender todo o processo de ocupação pré-colonial da região (NAVARRO, 2013). Este pesquisador afirma que é necessário utilizar diferentes metodologias de campo, abordando a paisagem e o espaço, bem como desenvolver a análise dos vestígios arqueológicos, uma vez que se tratam, em sua maioria, de peças que possuem um contexto arqueológico distinto, de deposição no próprio lago, onde estavam assentadas as habitações e, nesse sentido, sem proveniência estratigráfica. Em outro trabalho, Navarro (2015:378) apresentou quatro datações realizadas para as estearias, entre 800 e 1000 d.C, e sugeriu que tais ocupações coincidem com o auge das ocupações da Amazônia, tendo participado, portanto, deste complexo de assentamentos das ocupações humanas relacionadas a região da Amazônia. O arqueólogo aponta que seriam cacicados de grande escala regional, e que seu objetivo é compreender os processos de assentamentos, ocupação e expansão territorial das sociedades lacustres.

Observou-se que, para Lopes (1916), esta ocupação lacustre teria ocorrido pela migração dos povos tardios, saindo da Amazônia e indo para Baixada Maranhense, enquanto que, para Filho Leite (2010), seriam grupos organizados em sistemas de aldeias autônomas. Já para Navarro (2015) os dados apontam para sociedades do tipo cacicados de grande escala regional. No entanto, a proposta deste artigo não é adentrar neste aspecto, mas contribuir com a caracterização dos artefatos cerâmicos e seus possíveis usos na vida cotidiana e ritual destas sociedades.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O trabalho de análise cerâmica passa pelo processo de classificação e vale ressaltar que essa é uma atividade altamente laboriosa, frente à escolha de variáveis, a determinação de atributos relevantes e a definição de fronteiras entre os tipos cerâmicos (RICE, 1987). Neste sentido, deve-se manter sempre em mente que os tipos gerados por meio da classificação arqueológica são criados artificialmente. Isso implica que se deve ter cautela para que os tipos

não sejam considerados realidade, posto que, além de serem construções analíticas, eles potencialmente excluem nuances ou desvios (CHILTON, 1999). Ainda, a dificuldade em se considerar direta a relação entre categorias êmicas e as categorias analíticas usadas na arqueologia se torna mais complexa quando se considera que a transmissão cultural e aprendizado de habilidades e significados são graduais, culturais e sujeitos à agência do indivíduo, tal como os vocábulos classificatórios são regional e comumente distintos (HERBICH & DIETLER; 2008; MILLS, 2008; STARK *et al.*, 2008). Considerando que as classificações são criações dos próprios arqueólogos (e não necessariamente tratam de categorias mentais dos grupos estudados), Rice (1987) aponta para a validade de se estudar os grupos classificatórios e os termos empregados por grupos nativos e etnográficos. É o caso do estudo realizado por DeBoer e Lathrap (1979), junto aos Shipibo-Conibo, mapeando as classificações feitas e os termos utilizados pelos próprios grupos. Contudo, na impossibilidade de se usar termos nativos, uma vez que não há como estabelecer continuidade histórica entre as populações das estearias e grupos atuais, foram utilizados termos adotados a partir da bibliografia de referência sobre análise cerâmica (SHEPARD, 1956; RICE, 1987; SINOPOLI, 1999).

Se por um lado os tipos arqueológicos são categorias analíticas produzidas a partir de classificações, eles permitem inferir padrões de comportamento, o que justifica o estudo dos vestígios (SCHIFFER, 1972; SKIBO *et al.*, 1989). Os tipos são construídos com base em um ou vários atributos dos artefatos, geralmente empregados de maneira hierárquica. Devem-se definir os limites entre os tipos e o grau de fragmentação dos seus atributos. Este processo leva em conta o fato de que a classificação não é um fim em si mesmo, mas é um método ou ferramenta de estudo (RICE, 1987). As questões devem estar latentes em toda a pesquisa e os parâmetros da classificação devem refletir isso. É neste sentido que os atributos considerados neste estudo reproduzem, como aponta Rice (1987), as categorias da própria análise.

A partir da classificação produzida, a correlação entre os dados coletados relaciona variáveis quantitativas e qualitativas. Por outro lado, o caráter fragmentário do vestígio pode dificultar a interpretação arqueológica. Como argumentaram Skibo *et al.* (1989) e Raymond (1995), a quantificação de características individuais de fragmentos pode levar à percepção de padrões que não estejam de fato relacionados aos grupos estudados. É necessário analisá-los não individualmente, mas como vasilhas, ou seja, trabalhar com a ideia de artefatos ainda que se lide apenas com partes destes. Skibo *et al.* (1989:389) defenderam o estudo de vasilhas o mais completas possível, e sugeriram que o arqueólogo deve esforçar-se na reconstituição dos objetos cerâmicos através da remontagem de fragmentos, utilizando para tal, se possível, informações etnoarqueológicas referentes à deposição de cerâmica em contexto análogo.

Raymond (1995) também defende a reconstituição da forma da vasilha, mesmo que de modo hipotético, deduzida a partir de partes determinadas dos vasos fragmentados (borda e pescoço ou pescoço e corpo). Este autor propõe a aplicação de uma classificação estrutural (regras que regem as formas das vasilhas) que consiste em quatro princípios:

The key steps in structural analysis are: (1) to define those units which exhibit structure; (2) to determine the dimensions of variability; (3) to identify and describe those values of a variable which affect "meaning"; and then (4) to construct the rules which structure the relationships among the dimensions and generate the units which carry "meaning"(RAYMOND, 1995:228).

As unidades que exibem estruturas são as vasilhas cerâmicas. A partir da identificação da forma de vasilhas (RICE, 1987; SHEPARD, 1956), é possível identificar quais apresentam variabilidade a partir de seus valores que as distinguem, também chamado pelo autor de *modos*, sendo esse definido como séries de valores ao longo de dimensões de variabilidade, e assumidos como as mínimas unidades de variação formal que afetam o significado (RAYMOND, 1995). Aplicando essa metodologia é possível identificar as estruturas exibidas pelas vasilhas e suas variações mínimas (como diferentes decorações aplicadas a uma mesma estrutura de vasilha ou modo de formato). Esta metodologia explicada por Raymond (1995) foi elaborada por Rouse (1939) e aplicada na Amazônia por alguns pesquisadores (GOMES, 2002; LATHRAP, 1962; ROOSEVELT, 1997; PESSOA, 2015; VAN DEN BEL, 2015).

Para reconstituição das formas de vasilhas, utilizaram-se como referência as considerações de Rice (1987:222-224) e Shepard (1956). As autoras apresentam maneiras de inferir o design de recipientes cerâmicos a partir de fragmentos de borda, corpo e base. As bordas permitem a estimativa do diâmetro de abertura da boca, da orientação do corpo da vasilha e, por vezes, da altura e do diâmetro máximo do recipiente; as bases fornecem informações sobre a estabilidade da vasilha, diâmetro e orientação das paredes; fragmentos de corpo fornecem informações quando apresentam inflexões, apêndices ou decoração e auxiliam a pensar no contorno da vasilha. Contudo, a classificação de formas, seguindo os princípios de Rice (1987) e Shepard (1956), não é suficiente para compreender as variações mínimas das formas de vasilhas, mas para tratar de aspectos formais. Tal método auxilia na reconstrução gráfica, mas não contempla as regras que regem a estrutura do artefato, ou seja, a unidade mínima pela qual seus atributos são compartilhados e expressam um conjunto de regras culturais (RAYMOND, 1995:229). O trabalho de Shepard (1968) é utilizado para definir as formas gerais (estruturais) de um formato de vasilha, enquanto o proposto em Raymond (1995) é aplicado para identificar as variáveis multimodais (apresentam mais de um modo relacionado a um tipo de estrutura de vasilha).

Procurou-se, neste trabalho, analisar a cerâmica das estearias sempre que possível como artefato. Embora não tenha sido possível realizar comparações etnográficas, o trabalho de Rice (1987) contribui no sentido da reconstrução das formas e seus possíveis usos, uma vez que Raymond (1995) afirma que não é possível inferir função do artefato somente pelo seu aspecto formal, seja ela utilitária, simbólica, social ou econômica, sem que haja dados contextuais.

Desta forma, a reconstituição das formas é essencial para a compreensão do uso da cerâmica no contexto arqueológico; junto com a correlação de outros atributos, é possível fazer inferências sobre a funcionalidade destes materiais. A vasilha, ao que parece, é a unidade mínima mais segura para a compreensão das

atividades e funções a que estes materiais estariam relacionados (Rice, 1987). O termo função refere-se muito mais do que à função utilitária de um artefato, mas também ao comportamento tecnológico de uma dada sociedade. Portanto, essas categorias (forma e função) estão inter-relacionadas (SKIBO *et al.*, 1989; SKIBO & FEINMAN, 1999; SCHIFFER, 2010).

Rice (1987:207-237) sugeriu que as intenções de usos de uma vasilha cerâmica em certas atividades seriam determinantes para a formulação de seu design e para a tecnologia empregada em seu processo de manufatura. Por outro lado, a autora advertiu, como Shepard (1956) e Raymond (1995), que uma mesma vasilha cerâmica poderia servir a diversas atividades (inclusive àquelas para que não fosse produzida) e, nesse caso, o design atuaria apenas como um limitador do leque de possibilidades de uso.

A forma da vasilha é um fator fundamental que serve ao arqueólogo como indicador das possibilidades de uso do material arqueológico. Para Rice (1987:208), ele estaria diretamente relacionado às formas de uso (cocção, armazenamento, processamento ou transporte), ao tipo, estado e quantidade do conteúdo, à frequência de acesso ao conteúdo, ao uso de utensílios para acessar o interior da vasilha, à quantidade de calor envolvida na atividade em que a vasilha é empregada e à existência e distância de movimentação ou transporte.

A compreensão da forma de uma vasilha, segundo Shepard (1956) e Rice (1987), deve se dar a partir da descrição formal dos elementos estruturais da mesma. Shepard (1956:225-227) propôs realizar essa descrição das características da base, corpo e abertura dos artefatos estabelecendo uma comparação com as formas geométricas (sólidos e sólidos de revolução) mais próximas ao formato da vasilha, de modo a observar se a abertura é restringida ou não restringida, além dos tipos de contorno (existência de ângulos no corpo) e os apoios dos recipientes. Ao lado da forma, outros elementos da manufatura de vasilhas também são determinantes para caracterizar o artefato, como a composição da pasta, o peso do vasilhame, espessura das paredes, resistência à abrasão e ao calor, permeabilidade, decoração e tratamento de superfície. Todos esses atributos são elementos tecnológicos, de manufatura especializada, que definiriam a utilidade do aproveitamento de uma vasilha para atividades específicas (RICE, 1987:207-237).

Rice (1987:238) definiu categorias de vasilhas a partir de suas características anatômicas, tecnológicas e de tratamentos de superfície mais recorrentes: 1. Vasilhas para armazenamento: formas restringidas, abertura preparada para servir, fechada, apêndices para suspensão, paredes com baixa porosidade e tratamentos de superfície que reduzam a permeabilidade; 2. Vasilhas para cozimento: formas arredondadas, cônicas ou globulares, não restringidas, sem ângulos, paredes finas e porosas resistentes a choques térmicos e tratamento de superfície rugoso para facilitar o manuseio; 3. Vasilhas de preparação de alimentos sem calor: não restringidas e sem ângulos, paredes grossas resistentes a estresse mecânico e geralmente com pouca decoração; 4. Vasilhas para servir: não restringidas, com alças, base plana, paredes finas e com decorações diversas; 5. Vasilhas para transporte: restringidas e com alças, resistentes a estresse mecânico, decoração variada e tratamento de superfície

que reduza a permeabilidade. Cada uma dessas categorias requer capacidade tecnológica e formal diferente.

Por fim, as alterações de uso (abrasão e fuligem) podem fornecer informações acerca da função que desempenharam na história de vida da vasilha, tal como alertam Boudreaux (2010) e Skibo (1992).

Da mesma forma, a análise deu prioridade a uma discussão qualitativa mais do que a uma discussão quantitativa. As categorias escolhidas para a ficha de análise foram as seguintes: classe, tempero, técnica de manufatura, queima, tratamento de superfície, marca de uso, decoração pintada, decoração plástica, figura iconográfica, tipo de borda, inclinação da borda, tipo de lábio, base, forma da vasilha, espessura do fragmento e condição de preservação. De modo geral, estas categorias permitem avaliar a relação entre forma e os demais atributos de análise (ex: manufatura, acabamentos decorativos) relacionados às diferentes etapas de produção das vasilhas e objetos cerâmicos, além de estabelecer funções hipotéticas.

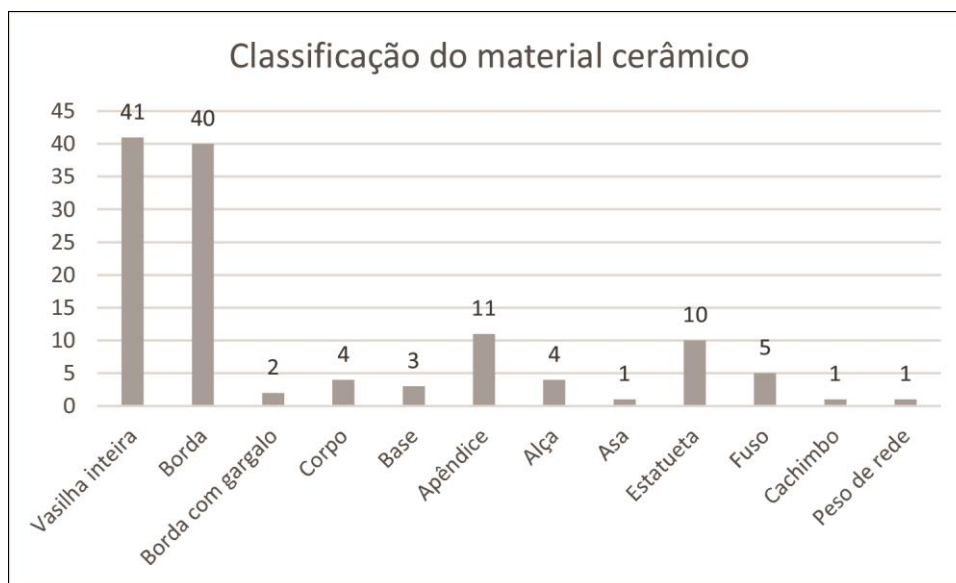
Partindo desses pressupostos, elaborou-se inicialmente uma tabela das formas identificadas no conjunto estudado, uma segunda tabela dos modos ou classes estruturais dos artefatos e, em seguida, uma classificação das principais funções de utilização das vasilhas. Sabe-se que o uso pretendido da vasilha nem sempre é o mesmo apreendido pelo arqueólogo, mas, ainda assim, é bastante produtivo decodificar o artefato e estabelecer hipóteses sobre sua funcionalidade. Essa atividade classificatória é considerada uma tarefa inicial. Análises de microvestígios também devem ser realizadas futuramente, além de se considerar informações advindas dos resultados de trabalhos de campo sistemáticos, para se construir os contextos sociais dos grupos que viveram nas estearias do Maranhão.

ANÁLISE DO CONJUNTO CERÂMICO

A Coleção Excursão Raymundo Lopes, depositada no Museu Nacional-URFJ, tem ao todo 303 peças cerâmicas que correspondem a 10 sítios arqueológicos registrados no banco de dados da reserva técnica. Nesta pesquisa, foram selecionadas, para análise, 123 peças, ou seja, 40% do material.

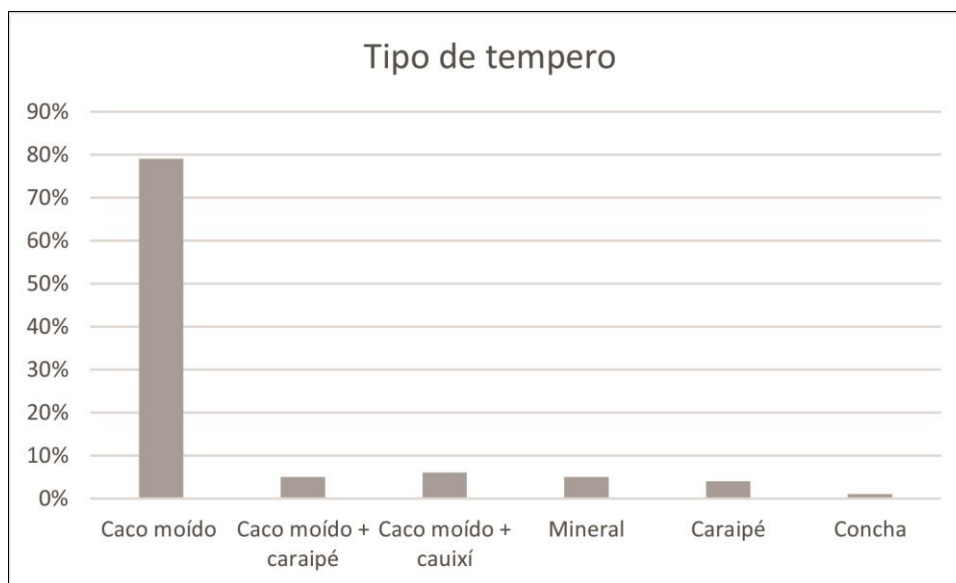
A escolha baseou-se nos critérios de preservação dos artefatos (vasilha inteira ou semi-inteira), em atributos decorativos (pintura e decoração plástica) e morfológicos (borda, corpo, base, apêndice, asa, alça estatueta, cachimbo, roda de fuso e peso de rede). Como aponta Gomes (2008a), as bordas, junto às bases, possibilitam a reconstituição das tendências morfológicas de uma determinada indústria cerâmica. Já as estatuetas, cachimbo e apêndices podem ser entendidos tanto como marcadores estilísticos como indicadores de sistemas simbólicos (BARRETO, 2010; SCHAAN, 2001) da população que as fabricou.

Nas 123 peças selecionadas para análise, identificou-se uma maior concentração de artefatos inteiros (Figura 2).

Figura 2 - Classificação do tipo de artefato.

Atributos tecnológicos

O termo *tempero* é aplicado e entendido como elementos não plásticos intencionalmente adicionados à argila (RICE, 1987; RYE, 1981; SHEPARD, 1985; VELDE & DRUC, 1999). Observou-se que a amostra analisada exibe preferência pela inclusão de caco-moído, em alguns casos combinados com outros elementos, como o caraipé³ ou cauxi⁴ (Figura 3).

Figura 3 - Tipo de tempero.

³ No caso de alguns minerais, é difícil afirmar, somente a partir da análise arqueológica visual, se alguns elementos já existiam ou não na argila.

⁴ O cauxi é uma espícula de esponja de água doce e o caraipé é a cinza de cascas de árvore silicosa, sendo ambos considerados bio-sílicas (RYE, 1981:34).

De acordo com Rice (1987), a utilização deste antiplástico ajuda a evitar o choque térmico, principalmente em vasilhas destinadas a cocção. DeBoer e Lathrap (1979), a partir de estudos etno-arqueológicos, relatam que este elemento pode ser usado tanto para vasilhas de cocção como para servir.

Nesta amostra, o cauxí apareceu em baixa frequência e bastante fragmentado, quase não sendo possível visualizá-lo na pasta. Desse modo, a hipótese inicial é que provavelmente as espículas já estivessem depositadas na argila coletada pelas ceramistas. Algumas vasilhas e estatuetas apresentaram pasta com mineral, sendo 5% da amostra. Em menor frequência, identificou-se pasta com caraipé (4%) e concha (1%).

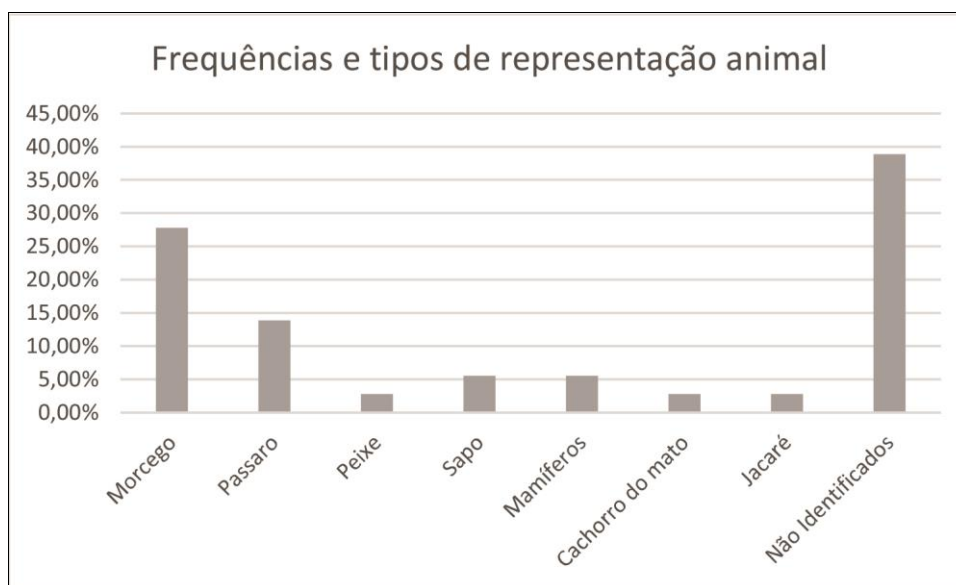
A manufatura é um importante atributo para entender como estão sendo utilizadas as técnicas e para que tipos de artefatos. Nesta indústria, identificou-se que as vasilhas foram produzidas pelo acordelamento (55,58%) e em menor frequência observou-se o acordelado associado ao modelado em 5,69%. O modelado ocorre em 39,02%, usado em apêndices, estatuetas, tortual de fusos, pesos de rede e cachimbos. No que se refere ao tratamento de superfície, tanto as vasilhas como os demais artefatos foram alisados. Em relação à queima, observou-se, na quebra dos fragmentos, que 70,73% está completa, enquanto que 27,64% incompleta.

Atributos decorativos e representações iconográficas das vasilhas

A técnica decorativa predominante é a decoração plástica, observada em 43,08% do material analisado. Este tipo de decoração consiste na modificação tridimensional da superfície, como: por meio do digitado localizado no lábio da vasilha; ponteadado na face externa do corpo; inciso associado ao ponteadado identificado na face interna da borda; inciso na face externa do corpo da vasilha e decoração com impressão de cestaria também presente na face externa do corpo da vasilha. A decoração plástica com representação figurativa zoomorfa é comumente presente em parte significativa do conjunto estudado (33,96%). A sua elaboração foi feita pela técnica de modelagem com a argila ainda moldável e anterior à queima. Esta decoração localiza-se nos apêndices e tem o emprego de incisão e ponteadado para elaborar os traços dos olhos e da boca.

Nas decorações figurativas, identificaram-se os seguintes animais: morcego, pássaro, peixe, mamíferos, cachorro do mato, jacaré e alguns não identificados⁵ (Figura 4). Todas essas decorações são apêndices zoomorfos modelados que ocorrem na face externa da borda, especificamente em vasilhas de corpo esférico ou calota esférica.

⁵ Todas as representações de animais foram reconhecidas pelo zoólogo do Museu nacional, professor Dante Martins Teixeira.

Figura 4 - Frequência com o tipo de representação de animal.

Os artefatos com representação de morcego foram obtidos por Raymundo Lopes nos sítios Lago do Caboclo (N⁶ =8), Cajari (N=1) e Estrela (N=1). O apêndice com figura de ave aparece nos sítios Cajari (N=1), Armindo (N=1), Lago do Caboclo (N=1) e Ilha da Cuieira (N=1). Apenas um pássaro foi identificado como urubu-rei no Lago do Caboclo. O morcego e o urubu-rei são interpretados por Gomes (2008a:170; 2012) em sua análise da cerâmica da região de Santarém como tendo significados simbólicos relacionados ao xamanismo. Garcia (2012:196) também identifica decorações figurativas de morcegos, aves e anfíbios nos sítios arqueológicos na região sudeste do Pará, e aponta que vasilhas com estes elementos zoomórficos estariam ligadas a valores simbólicos do xamanismo expressos materialmente.

Outros animais identificados são: cachorro do mato (N=1) no sítio Ilha da Cuieira; peixe no sítio Lago do Caboclo (N=1); jacaré (N=1) no Encantado; sapo nos sítios Estrela (N=1) e Genipapo (N=1) e mamíferos não identificados nos sítios Encantado e Genipapo. Outros zoomorfos não puderam ser identificados no Lago do Caboclo (2), Genipapo (1) e Estrela (1).

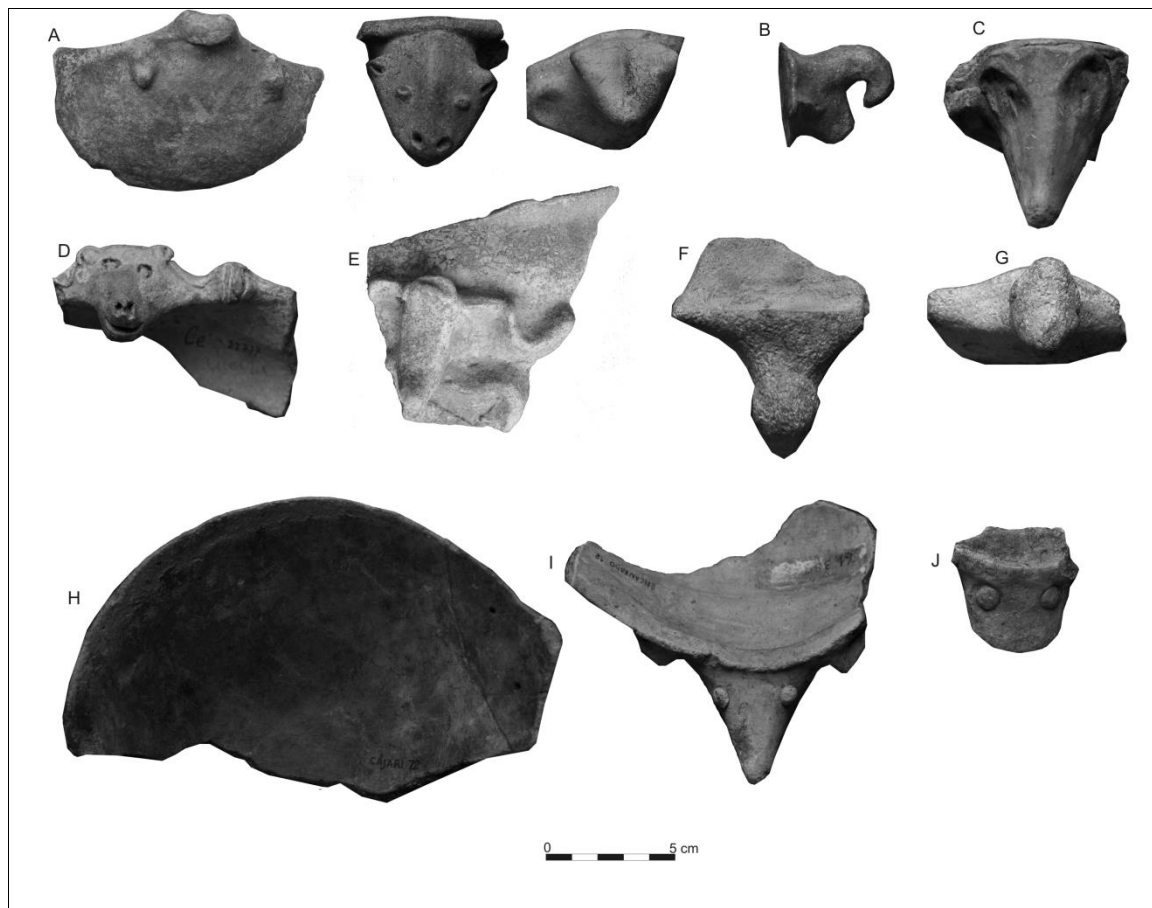
De modo geral, a cabeça de cada animal está localizada na borda, logo abaixo da boca da vasilha; o restante da vasilha constitui o corpo, sendo, portanto, todas consideradas efígies de animais, ou um artefato-corpo. Lagrou (2011a: 76), ao se referir à arte indígena contemporânea, aponta a existência de uma arte figurativa minimalista que se desenvolve à maneira de um “modelo reduzido” como proposto por Levi-Strauss, exemplificada pelo antropomorfismo e zoomorfismo discreto dos bancos xinguanos e as efígies assurini. Estes artefatos são considerados pela autora como quase-corpos, cuja caracterização vai desde detalhes sutis até a figuração completa.

Ao verificar a distribuição dos animais identificados nas vasilhas, percebe-se que os morcegos ocorrem somente nos sítios Armindo, Cajari e Lago do

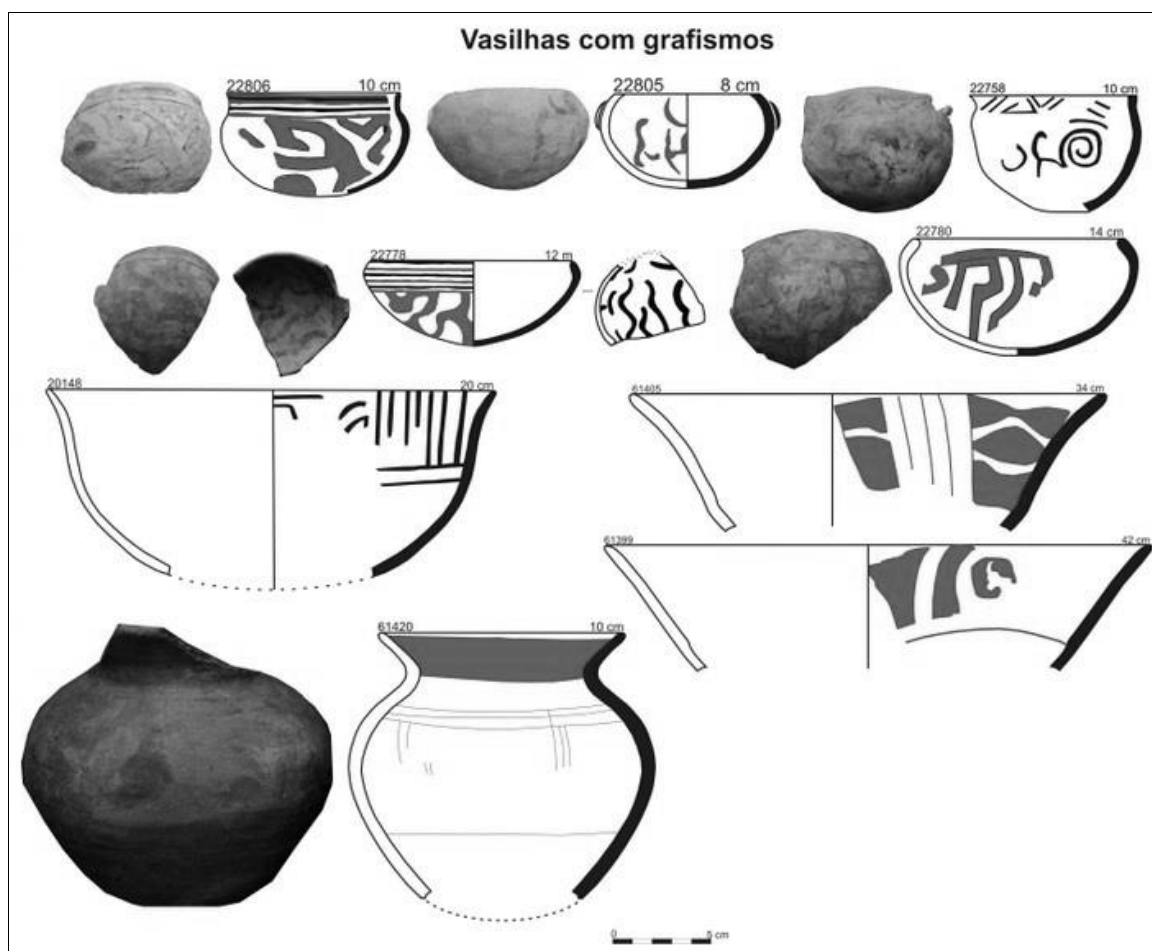
⁶ Quantidade de peças.

Caboclo, enquanto que o jacaré aparece no Encantado. A arraia ocorre no Cajari, o cachorro do mato na Ilha da Cuieira e o sapo e mamífero no Genipapo (Figura 5).

Figura 5 - Figuração de morcego (A), urubu-rei (B), gambá (C), cachorro do mato (D), sapo (E), aves (F, G), arraia (H), jacaré (I) e peixe (J).



A técnica decorativa pintada foi observada em apenas em 9 peças (6,2%), nas cores vermelha (N=4); preta (N=2), bem como vermelha associada a preta (N=3). Os grafismos são classificados como abstratos (Figura 6) e ocorrem majoritariamente na face externa das vasilhas. Aqui faz uso dos debates de Lagrou (2011a) acerca da arte indígena das sociedades contemporâneas da Amazônia, que destaca a abstração como o sistema artístico preferencial desses grupos para expressar seus significados simbólicos. A autora prefere assim denominar estes motivos de grafismos abstratos em vez de geométricos, visto ser essa última uma concepção ocidental. Percebe-se que ao contrário desta tendência da arte indígena contemporânea, no conjunto cerâmico analisado coexistem representações figurativas ao lado de abstrações. Observa-se que a maior incidência de material pintado ocorre no sítio Armindo, sendo 55% dos artefatos; os demais estão distribuídos nos sítios Estrela, Armindo, Cajari, e Lago do Caboclo.

Figura 6 - Artefatos pintados com grafismos abstratos.

Atributos morfológicos da vasilha

A partir do desenho do perfil do artefato, somado à medida do diâmetro da boca da vasilha, foram geradas 78 reconstituições gráficas posteriormente digitalizadas no programa Corel Draw versão 13. Não houve dificuldade em definir as unidades que exibem estruturas (RAYMOND, 1995), pois as vasilhas, na maioria dos casos, encontram-se inteiras e semi-inteiras. Desta forma, a classificação morfológica das vasilhas baseou-se nos critérios apontados por Shepard (1956:227-234), tais como estrutura da forma, definida a partir da correlação com formas geométricas e tipo de contorno, de modo a proporcionar a identificação de 9 formas de vasilhas.

A nomenclatura dos atributos formais seguiu a terminologia proposta por Chmyz *et al.* (1976). Dos 123 artefatos selecionados para análise, 106 correspondem às vasilhas (86,18%); desses, 81 são fragmentos grandes de bordas ou vasilhas inteiras. Os demais artefatos foram classificados como: estatueta (8,13%), tortual de fuso (4,07%), peso de rede (0,81%) e cachimbo (0,81%).

As espessuras das paredes das vasilhas variam entre 0,2 e 1,1 cm, apresentando maior frequência uma média de 1,3 cm. Conforme aponta Rice (1987) e Sinopoli (1999), vasilhas com paredes de espessuras finas auxiliam em um aquecimento mais rápido nas atividades de cocção de alimentos, enquanto


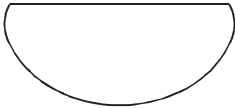

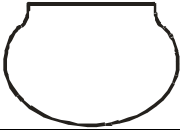





vasilhas com paredes mais espessas são comumente empregadas para processamento de alimentos e armazenamento de líquidos, bem como de alimentos secos. O lábio das vasilhas, em sua maioria, apresenta-se arredondado em 90,12%, e em menor frequência plano 4,94% e apontado 4,94%. Este atributo torna-se importante para pensar na função do artefato (RICE, 1987:241), como a facilidade ou não no derramamento de líquidos que ocorre nas formas de servir com formato de corpo esférico e meia calota, bem como em vasilha usada para transferir líquido identificado em vasilhas com forma ovalóide.

Quanto à morfologia das bordas, seguindo a nomenclatura de Chmyz *et al.* (1976), foram identificados seis tipos, sendo que a maior frequência está entre a direta vertical (26%), direta inclinada externa (26%), extrovertida (21%) e direta inclinada interna (11%). Em menor frequência, observou-se bordas diretas reforçadas externamente (4%) e introvertidas (6%). Seis bordas não foram passíveis de leitura. Estes dados auxiliaram na identificação do contorno da vasilha e sua classificação.

Em relação à base de vasilhas inteiras e semi-inteiras, observou-se alta frequência do tipo convexa (36%), enquanto que, em seguida, ocorre a plana (7%) e tripode com formato cônico (3%). Nas demais, não foi possível fazer a leitura da peça. A base é um importante elemento para entender a estabilidade da vasilha, assim como os dados sobre o tipo de lábio que auxilia nas interpretações funcionais (RICE, 1987). As vasilhas para servir, por exemplo, possuem suas bases convexas; já vasilhas utilizadas para processamento dos alimentos, nas quais incide uma força mecânica, detêm bases planas, como o assador (Tabela 1) usado para preparar a mandioca (beiju) ou outros cultivares. Um terceiro elemento para inferir funcionalidade nesse material são os apêndices (32,5%), usados para suspensão de vasilhas pequenas de possível uso cerimonial, sendo a maior parte com representação zoomórfica. O morcego aparece em 10% e as aves em 4%. Em menor frequência, observou-se peixes (1%), sapos (1%) e mamíferos (2%).

Após as classificações tecnológicas, foram identificados agrupamentos de artefatos que apresentaram regularidade formal (Tabela 1). As descrições de forma seguem o padrão das descrições realizadas por Gomes (2002, 2008a). Essas foram organizadas começando pela boca da vasilha (forma da abertura da vasilha), tipo de lábio (parte terminal da vasilha), borda (parte terminal da parede junto a boca), formato do corpo, base (parte inferior da vasilha), contorno e diâmetro da boca da vasilha. Partindo dessa classificação, realizou-se a análise estrutural, para testar as dimensões de variabilidade de formato e determinar os modos.

Tabela 1 - Descrição das formas presentes na Coleção Excursão Raymundo Lopes.




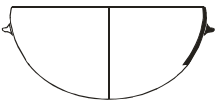


	Forma 1: Vasilha com boca circular irrestrita, lábio arredondado, borda direta vertical. Corpo de formato circular e base plana. Contorno simples. Diâmetros entre 30 e 50 cm. Altura entre 2 e 4 cm.
	Forma 2: Vasilha com boca circular e simétrica restrita ou irrestrita, lábio arredondado ou plano, borda direta vertical, extrovertida ou introvertida. Corpo de formato elipsóide, base plana. Contorno simples. Diâmetros entre 8 e 42 cm. Altura entre 4 e 18 cm.
	Forma 3: Vasilha com boca circular irrestrita, lábio arredondado, borda extrovertida ou direta vertical. Corpo de formato elipsóide, base convexa. Contorno infletido. Diâmetros entre 21 e 42 cm. Altura entre 5 e 18 cm.
	Forma 4: Vasilha com boca circular restrita, lábio arredondado, borda direta vertical e reforçada externa. Corpo de formato esférico. Contorno infletido. Diâmetros entre 12 e 40 cm. Altura entre 12 e 20 cm.
	Forma 5: Vasilha com boca circular irrestrita, lábio arredondado, borda introvertida. Corpo de formato esférico. Contorno simples. Diâmetro 20 cm. Altura 21 cm.
	Forma 6: Vasilha com boca circular irrestrita ou restrita, lábio arredondado e plano, borda direta vertical, direta inclinada interna, direta inclinada externa, introvertida e extrovertida. Corpo de formato semi-esférico, base convexa. Contorno simples. Diâmetros entre 8 e 32 cm. Altura entre 5 e 18 cm.
	Forma 7: Vasilha com boca circular, oval ou ondulada irrestrita, lábio arredondado, borda direta vertical e extrovertida. Corpo em forma de meia calota, base convexa ou plana. Diâmetro entre 10 e 28 cm. Altura entre 3 e 9 cm.
	Forma 8: Vasilha com boca circular irrestrita, lábio arredondado, borda direta vertical e direta inclinada externa. Corpo de formato ovalóide, base convexa. Contorno simples. Diâmetro entre 10 e 20 cm. Altura de 9 cm.
	Forma 9: Vasilha com boca circular restrita, lábio arredondado, borda extrovertida e direta vertical, com gargalo. Corpo de formato esférico ou ovalóide. Contorno infletido. Diâmetro entre 8 e 10 cm. Altura entre 10 e 14 cm.


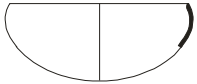

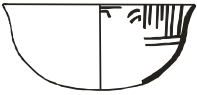
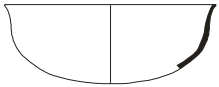

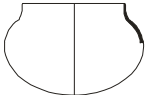



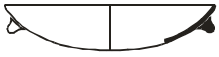



A análise modal



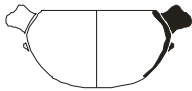

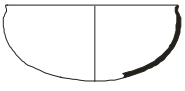




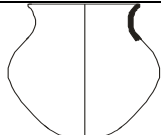
Observou-se dimensões de variabilidade nas formas de vasilhas obtidas em nove *modos*, que afetaram seus significados funcionais e simbólicos (Tabela 2). As formas 1, 4, 5 e 8 são modais (formas padronizadas que não apresentam variabilidade nos *modos* de formato e decorativo). Já as formas 2, 3, 6, 7 e 9 mostraram-se multimodais (apresentam diferentes variabilidades nos modos de formato e de decoração).

Na forma 2, identificou-se que existe uma variação morfológica e decorativa que se apresenta em cinco categorias. Dentro desses *modos*, ocorre uma categoria com semelhanças com o que foi definido por Boomert (2000:158) como vasilha em forma de “rede”, visualizada na seção horizontal. De acordo com o autor, essa pode ter sido influenciada por formas de taças ovais. Raymundo Lopes (1924) associou algumas formas de vasilhas com “folha vegetal”, sendo que a morfologia das mesmas, de fato, remete a uma folha. Esse é um dos exemplos de variabilidade mínima dentro de um mesmo padrão morfológico presente na coleção. A forma 3 é composta por duas categorias de vasilhas, sendo uma com pintura abstrata e outra sem decoração. A forma 6 apresenta diferentes categorias associadas a apêndices zoomórficos configurando as efígies de animais, pinturas abstratas e, em menor escala, vasilhas com aplique ou ponteados no lábio. A forma 7 possui três categorias de vasilhas que incorpora efígies de animais, pinturas abstratas e sem decoração. Na forma 9, ocorre duas categorias, com decoração abstrata e sem decoração.

Tabela 2 - Ilustração em forma de diagrama das regras que regem as formas mais comuns de vasilhas

Forma da vasilha	Exterior							Interior			Categoria de Vasilha
	Corpo					Pescoço		Pintura	Sem decoração	Ponteados	
	Inciso	Apêndice Zoomorfo	Aplique	Pintura	Sem decoração	Pintura	Sem decoração				
 Forma 1					X				X		
 Forma 2		X							X		
				X				X			
					X				X		

Forma da vasilha	Exterior						Interior			Categoria de Vasilha
	Corpo					Pescoço	Pintura	Sem decoração	Ponteado	
	Inciso	Apêndice Zoomorfo	Aplique	Pintura	Sem decoração	Pintura				
					X			X		
					X			X		
 Forma 3					X		X			
					X			X		
 Forma 4					X			X		
 Forma 5					X			X		
 Forma 6		X						X		
		X						X		
				X				X		
					X				X	

Forma da vasilha	Exterior						Interior			Categoria de Vasilha
	Corpo					Pescoço	Pintura	Sem decoração	Ponteado	
	Inciso	Apêndice Zoomorfo	Aplique	Pintura	Sem decoração	Pintura				
					X			X		
 Forma 7	X							X		
				X				X		
					X			X		
 Forma 8					X			X		
 Forma 9						X		X		
							X	X		

Dentro de cada um dos *modos*, em alguns casos, perceberam-se variáveis, não só morfológicas, mas também decorativas. Essas características podem ter resultado de seus diferentes usos, tanto em atividades simbólicas quanto cotidianas.

A funcionalidade das vasilhas

A partir da variabilidade observada na tabela 2, observaram-se os *modos* que contém variáveis de categorias de vasilhas. Junto aos critérios baseados em analogias etnográficas dos atributos formais das vasilhas quanto a abertura da boca, base e corpo descritos por Rice (1987), foi possível assinalar

hipoteticamente cinco funções distintas a partir dos modos estabelecidos para o conjunto cerâmico das Estearias do Maranhão:

1. Processamento de Alimentos. A forma 1 (4,7%) possivelmente foi usada para processar alimentos, conhecida comumente como assador de beiju. Sua presença denota importância de se torrar raízes ou frutos de palmeiras para os grupos que as produziram.
2. Serviço, de uso individual. As vasilhas de pequenas capacidades, com diâmetros entre 8 e 14 cm, estão presentes em 36,7% da amostra, associadas às formas 2, 6, 7 e 8. Os modos de efígies de animais, plantas e grafismos abstratos possivelmente estão associados a atividades cerimoniais, enquanto as vasilhas alisadas sem decorações podem estar ligadas às atividades do cotidiano.
3. Serviço, de uso coletivo. As vasilhas de média capacidade, com diâmetros entre 18 e 34 cm, estão presentes em 7,5% da amostra, associadas às formas 2, 3 e 7. Os modos verificados nessa categoria são de grafismos abstratos, vasilhas com formas de “rede”, efígies de vegetais e animais que possivelmente estão associados a atividades cerimoniais.
4. Vasilhas para cocção. Presente em 16% dos artefatos nas formas 2 e 3 com média e grande capacidade, com diâmetro entre 26 e 42 cm, forma 6 com diâmetros entre 24 e 32 e forma 5 com diâmetro de 20 cm. Duas vasilhas provavelmente de cozinhar possuem pintura na face interna, uma com cor preta e outra com cor vermelha. Foi detectado fuligem na face externa.
5. Vasilhas para transporte/armazenamento. A forma 4 possui orifício modificado, indicando uma morfologia adequada ao uso para transporte ou armazenamento conforme a capacidade volumétrica.
6. Vasilhas para transferência de líquidos. Existem poucas vasilhas no conjunto analisado com forma 9. Essas foram provavelmente usadas para transferência de líquidos, apresentam o orifício modificado e presença de gargalo. Apenas uma tem pintura na face externa, diferente das outras duas sem decoração, servindo para mesma função.

De modo geral, observou-se que há vasilhas usadas para atividades culinárias do cotidiano e vasilhas para atividades específicas de uso ritual, como as vasilhas de efígies zoomorfas, representações de vegetais e aquelas com grafismos abstratos, que permitem apontar aspectos relativos à cosmologia e ao universo simbólico dos grupos que ocuparam as estearias da baixada maranhense.

A maior parte das vasilhas com pinturas abstratas parece ter sido utilizada para servir, sendo tanto de uso individual quanto de uso coletivo. Apenas uma vasilha sugere função associada à cocção, devido à presença de fuligem, e outra para transferência de líquido, o que foi inferido por sua morfologia (presença de orifício com gargalo).

CATEGORIAS COMPLEMENTARES DE ARTEFATOS

Vasilhas em miniatura

Os artefatos em miniatura estão presentes em 7% da amostra e podem ser associados ao ensino-aprendizagem na confecção de vasilhas (LA SALVIA & BROCHADO, 1989). A atividade de ensino-aprendizagem na produção de vasilhas cerâmicas denota relações que envolvem mulheres mais velhas e experientes com aprendizes, meninas e mulheres mais jovens (SILVA, 2000), uma atividade executada em relações de coletividade. As vasilhas apresentam boca circular restrita ou irrestrita, lábio arredondado, plano ou apontado, borda extrovertida, introvertida ou direta vertical; corpo de formato esférico ou carenado; contorno infletido ou composto; diâmetro entre 4 e 11 cm. Altura entre 5 e 6 cm.

Tortual de fuso e peso de rede

Outros artefatos de cerâmica foram analisados para entender o modo de vida desses grupos lacustres. Os 5 tortuais de fuso de forma cônica, com 5 cm de altura e 4 cm de largura (Figura 4) são temperados com caco moído e denotam atividades de fiação de fibras ou algodão para confeccionar cordas e redes. Um fragmento de peso de rede com forma cilíndrica também foi identificado. Esse possui 4 cm de altura e 3 cm de largura, a pasta é a mesma do fuso e sua funcionalidade remonta uma subsistência voltada para pesca (CORRÊA *et. al*, 1991).

Cachimbo

O cachimbo analisado tem 4 cm de altura e 5 cm de largura, apresenta o forninho com forma oval (Figura 4, letra D). A técnica de manufatura empregada foi o modelado, com antiplástico de caco moído, tendo sido coletado no sítio Cajari. De acordo com Viveiros de Castro (1986), o tabaco é um emblema, fabricado e operado principalmente por xamãs, e tem como finalidade mostrar os caminhos para as divindades e auxiliar na orientação. Este artefato é visto como material ligado a atividades simbólicas, na medida em que a fumaça é produzida para facilitar a relação com as divindades e relações sociais (MARQUES, 2009). O uso de fumo por populações indígenas é uma prática antiga e bem difundida na América do Sul, tendo conotação mágico-religiosa. Muitos xamãs faziam uso de substâncias alucinógenas em contextos ritualísticos para entrar em contato com o mundo sagrado/sobrenatural. Diferentes etnias empregavam o fumo com finalidades diversas, como os índios Mbyá que usavam cachimbos em rituais de cura. Os Araweté utilizavam em seu cotidiano e acendiam o fumo após as refeições coletivas, sendo que o tabaco era passado de mão em mão, o que implica numa relação de compartilhamento. O xamã também fazia uso, mas não o compartilhava com os demais, somente com os deuses (VIVEIROS DE CASTRO, 1986:531).

Estatuetas

Na coleção estudada, existem estatuetas antropomorfas e zoomorfas que correspondem a 11 peças inteiras e semi-inteiras. Apenas uma apresenta figura de animal, identificada como porco do mato (Figura 7, letra E). Esta é maciça, com base plana, tem altura de 4 cm e largura 5 cm. O nariz foi feito com ponteados e a boca possui uma incisão. As estatuetas antropomorfas são provenientes dos sítios Lago do Caboclo e Armindo. Duas estão inteiras (Figura 7, letra F e G) e sete fragmentadas (Figura 7, letras H, I, J, K, L, M e N). O processo analítico desse material baseou-se nos critérios de Schaan (2001). Observou-se a quantidade de figuras masculinas (com elementos fálicos) e femininas (presença de representação de seios, púbis ou barriga). Outro atributo verificado foi a intencionalidade ou não da quebra nas estatuetas, das quais duas são femininas (Figura 7, letras K e L) e outras duas não apresentam características sexuais explícitas (Figura 7, letras I e J), mas aparentemente foram quebradas de forma intencional. Uma estatueta inteira com figura assexuada (Figura 7, letra G) foi usada para inalar ou aspirar fumo como sugere o orifício da boca para o interior do artefato, que apresenta evidências de uso (manchas de fuligem). Trata-se de um artefato de possível uso xamânico. Outra estatueta apresenta quebra intencional no pescoço similar ao contexto de Marajó (SCHAAN, 2001). Duas estatuetas não são passíveis de análises, pois estão muito fragmentadas.

Devido ao estado de preservação dos conjuntos de estatuetas, é possível dizer, como aponta Schaan (2001) cotejando as ideias de Reichel-Dolmatoff (1961), que algumas estatuetas foram possivelmente utilizadas em rituais de cura, mesmo que essas não apresentem uma quebra regular, como as que foram identificadas pela pesquisadora na Ilha de Marajó⁷. A estatueta utilizada para fumo e a quebra de algumas estatuetas apresentam características de ritual de cura.

⁷ Schaan (2001) identifica um padrão de quebra no pescoço de algumas estatuetas, concluindo que essas seriam intencionais e teriam sido descartadas após seus usos em contextos xamânicos.

Figura 7 - Tortual de Fuso (A-B), peso de rede (C), cachimbo (D), estatueta zoomórfica (E), estatueta antropomórfica (F), estatueta antropomórfica utilizada para inalação de substância (G), estatueta antropomórfica quebrada (H, I, J), estatuetas antropomórficas femininas quebradas (K,L) e fragmentos de pernas de estatuetas (M-N).



CONCLUSÃO

A análise dos artefatos cerâmicos da coleção Raymundo Lopes forneceu subsídios para levantar algumas suposições sobre o modo de vida das populações que se estabeleceram em palafitas no período pré-colonial na baixada maranhense. Alguns atributos observados no conjunto analisado, tais como apêndices modelados, apliques, figuras antropomórficas e zoomórficas, bem como pinturas abstratas são semelhantes aos encontrados em ocupações tardias da Amazônia. Nesse sentido, as datações obtidas por Navarro (2015), que estão entre 800 e 1000 d.C., confirmam a antiguidade desta ocupação, e demonstram que as ocupações das Estearias fazem parte de um contexto mais amplo.

A especialização de objetos identificada pela presença de vasilhas em forma de efígies zoomorfas, de vasilhas pintadas com motivos abstratos, de vasilhas miniaturas (ensino-aprendizagem), dos pesos de rede (pesca) e rodas de fuso (tecer), associadas ao tipo de habitação em volta de lagos, denota que a cerâmica operava em diferentes atividades no cotidiano. Em atividades ritualísticas, foram possivelmente utilizadas vasilhas de efígies de animais, as pintadas com motivos abstratos usadas para servir (uso individual), as vasilhas de

transferência de líquidos, estatuetas antropomórficas quebradas intencionalmente, estatueta com função de inalar ou aspirar e o cachimbo.

Ao aplicar a metodologia modal, observou-se que as categorias de vasilhas apresentam modos multimodais, e essas estão correlacionadas aos diferentes usos. As formas usadas para cozinhar, processar alimentos e servir apresentavam estruturas gerais similares, bem como as vasilhas de uso de serviço (são modais). As categorias de vasilhas multimodais identificadas apresentam variáveis mínimas que alteram seus significados. Um aspecto que ilustra bem essa observação é o fato de que os grupos lacustres usavam mesma estrutura de vasilha para uso cotidiano e rituais, mas a essas últimas eram aplicados apêndices zoomórficos para dar a ideia de efígie (artefato-corpo), como o morcego, a arraia e os pássaros. Paralelamente, os grafismos abstratos aparecem como outra forma contendo significado simbólico. Elementos figurativos foram interpretados por Gomes (2012) como indicadores de um universo cosmológico ligado ao animismo/perspectivismo da cultura Santarém, bem como da presença da instituição xamânica. Atividades domésticas também foram inferidas pela presença de assadores, vasilhas de cocção, transporte e transferência de líquidos. A partir deste enfoque, foi possível induzir algumas práticas cotidianas de subsistência e ritualísticas ligadas à cerâmica das estearias, levando em consideração que as ações humanas e seus símbolos devem ser interpretados como elementos ativos nas relações sociais, para manter e transformar os sistemas socioculturais (LIMA, 2011).

Por fim, a análise da Coleção Excursão Raymundo Lopes (MN-UFRJ) mostrou que exemplares acondicionados em museus podem ter um interessante potencial analítico devido à existência de exemplares inteiros e semi-inteiros, especialmente se os estudos artefatuais partilharem de informações advindas de pesquisas sistemáticas.

AGRADECIMENTOS

Este artigo é resultado da disciplina intitulada: Tópicos avançados em análise cerâmica, ministrada pelos professores Denise Maria Cavalcante Gomes e Martijn van den Bel. Agradecemos também à professora Tania Andrade Lima, curadora responsável pela Coleção Raymundo Lopes, depositada no Museu Nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, C. 2010. Cerâmica e complexidade social na Amazônia antiga: uma perspectiva a partir de Marajó. In: PEREIRA, E. e GUAPINDAI, V. (Org.), *Arqueologia Amazônica*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, v. 1: 193-212.
- BOOMERT, A. 2000. *Trinidad, Tobago, and the Lower Orinoco Interaction Sphere: Archaeological/Ethnohistorical Study*. Alkmaar, Cairi Publications.
- BOUDREAUX III, E A. 2010. A Functional analysis of Mississippian ceramic vessel from Town Creek. *Southeastern Archaeology* 29 (1): 08-30.

- CARR, C. 1995. A Unified Middle Range Theory of Artifact Design. In: CARR, C. e NEITZEL, J. E. *Style, Society and Person: Archaeological and Ethnological Perspectives*, New York, London: Plenum Press, pp.171-257.
- CHILTON, E. 1999. One Size Fits All: Typology and Alternatives in New England Ceramic Research. In: CHILTON, E (Ed.). *Material Meanings: Critical Approaches to the Interpretation of Material Culture*. Salt Lake City: University of Utah Press, pp. 44-60.
- CHMYZ, I. *et al.* 1976. *Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica*. Paranaguá, Cadernos de Arqueologia.
- CORRÊA, C. G., MACHADO, A. L., LOPES, D. F. 1991. As estearias do Lago Cajari – MA. *Clio*, Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, 1: 101-103.
- DEBOER, W. LATHRAP, D. 1979. The making and breaking of Shipibo-Conibo ceramics. In: KRAMER, C. (Org), *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York. Columbia University Press, pp. 102-38.
- GARCIA, L. L. W.G. 2012. *Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins a ocupação Tupi no Cateté*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP.
- GOMES, D. M. C. 2002. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Edusp.
- GOMES, D. M. C. 2008a. *Cotidiano e Poder na Amazônia pré-colonial*. São Paulo: Edusp.
- GOMES, D. M. C. 2008b. O Uso Social da Cerâmica de Parauá, Santarém, Baixo Amazonas: uma análise funcional. *Arqueología Suramericana*, 4: 4-33.
- GOMES, D. M. C. 2012. O Perspectivismo Ameríndio e a Ideia de uma Estética Americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi – Ciências Humanas*, 7 (1): 133-159.
- HERBICH, I., DIETLER, M. 2008. The long arm of the mother-in-law: post-marital resocialization, cultural transmission, and material style. In: STARK, M. *et al.* *Cultural Transmission and Material Culture: Breaking Down Boundaries*. Tucson: The University of Arizona Press, pp. 223-244.
- LA SALVIA, F. BROCHADO, J. P. 1989. *A cerâmica Guarani*. Porto Alegre, Porsenato Arte e Cultura.
- LAGROU, E. 2011a. Le graphisme sur les corps amérindiens: des chimères abstraites? *Gradhiva. Revue d'anthropologie et de histoire des arts*, 13: 69-93.
- LAGROU, E. 2011b. Existiria uma arte das sociedades contra o Estado? *Revista de Antropologia*, 54:747-780.
- LATHRAP, D. W. 1962. *Yarinacocha: stratigraphic excavations in the Peruvian Montaña*. Unpublished PhD. Dissertation, Havard University, Departament of Anthropology, Cambridge, MA.
- LEITE FILHO, D. C. 2010. Ocupações pré-coloniais no litoral e nas bacias lacustres no Maranhão. In: PEREIRA, E. S., GUAPINDAIA, V. L. C. (Orgs.), *Arqueologia Amazônica 2*. Belém: MPEG/IPHAN/SECULT, pp. 771-773.
- LOWIE, R. 1948. The Tropical Forests: An Introduction. In: STEWARD, J. (ed.) *Handbook of South American Indians III*, Washington, DC.: Bureau of American Ethnology, Smithsonian Institution, Bulletin 143, pp. 1-56.
- LIMA, T. A. 2011. Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Ciências Humanas*, 6: 11-23.
- LOPES, R. 1924. A civilização lacustre do Brasil. *Boletim do Museu Nacional*, 1: 87-109.
- LOPES, R. 1931. Entre a Amazônia e o sertão. *Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro*, 7: 159-186.
- LOPES, R. 1970. *Uma Região Tropical*. Rio de Janeiro: FonFone Seleta.

- MARQUES, R. P. 2009. *Cachimbo Guarani: Uma interpretação etnoarqueológica*. Monografia de conclusão de curso. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MILLS, B. 2008. Colonialism and cuisine: cultural transmission, agency, and history at Zuni Pueblo. In: STARK, M. et al. *Cultural Transmission and Material Culture: Breaking Down Boundaries*. Tucson: The University of Arizona Press, pp. 245-262.
- NAVARRO, A. G. 2013. O Povo das águas: carta arqueológica das estearias da porção centro-norte da baixada maranhense. *Cadernos de Pesquisa*, 20: 57-65.
- NAVARRO, A. G. 2015. A Pré-História da Baixada Maranhense: Datação Radiocarbônica. In: ZIERER, A, et al. *História Antiga e Medieval. Sonhos, Mitos e Heróis: Memória e identidade*. 1ed. v.1, pp. 369-380.
- PESSOA, C. G. 2015. Contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no Alto rio Madeira. Dissertação de mestrado. Belém, UFPA.
- RAYMOND, J. S. 1995. From potsherds to pots: a first step in constructing cultural context from tropical forest archaeology. In: STAHL, P. (ed.), *Archaeology in the lowland American Tropics: current analytical methods and applications*. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 224-242.
- REICHEL-DOLMATOFF, G. 1961. Anthropomorphic figurines from Colombia, their magic and art. In: LOTHROP, S. (ed.) *Essays in precolumbian art and archaeology*. Cambridge, Harvard University Press, pp. 229-241.
- RICE, P. 1987. *Pottery Analysis: A Sourcebook*. Chicago: The University of Chicago Press.
- RYE, O. S. 1981. *Pottery Technology: Principles and Reconstruction*. Washington D. C., Taxaracum.
- ROOSEVELT, A. 1997. *The Excavations at Corozaal, Venezuela: Stratigraphy and Ceramic Seriation*. Yale University publications in Anthropology, 83. New Haven.
- ROUSE, I. 1939. *Prehistory in Haiti*. Yale University publications in Anthropology n. 21. New Haven.
- SCHAAN, D. P. 2001. Estatuetas Antropomorfas Marajoara: O simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa Amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 17: 23-63.
- SCHIFFER, M. B. 1972. Archaeological Context and Systemic Context. *American Antiquity*, 37:156-165.
- SCHIFFER, M. B. 1976. *Behavioral Archaeology*. Academic Press.
- SCHIFFER, M. 2010. *Behavioral Archaeology: Principles and practice*. Londres, Equinox.
- SIMÕES, M. F; CÔRREA, C.G; MACHADO, A.L. 1977. Pesquisas Arqueológicas no Lago do Cajari, Maranhão. In: *Resumo 29ª Reunião anual da SBPC*, São Paulo. Pp. 161-2
- SIMÕES, M. F. COSTA, F. A. 1978. Áreas da Amazônia legal brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. *Publicações Avulsas do Museu Goeldi*, Belém, 1978.
- SIMÕES, M. F; COSTA, F. A. 1981. Áreas da Amazônia legal brasileira para cadastro de sítios arqueológicos. *Publicações avulsas Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém.
- SIMÕES, M. F. 1981. As pesquisas arqueológicas no Museu Paraense Emílio Goeldi (1870-1981). *Acta Amazonica*, Manaus, V 11, n.1.
- SHEPARD, A. 1956. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington D. C, Carnegie Institution of Washington.
- SILVA, F. A. 2000. *As Tecnologias e seus Significados. Um Estudo da Cerâmica dos Asurini do Xingu e da Cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma Perspectiva Etnoarqueológica*. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo.

- SINOPOLI, C. 1999. Levels of Complexity: Ceramic Variability at Vijayanagara. In: SKIBO, J. e FEINMAN, G. (Eds.), *Pottery and People*. Salt Lake: University of Utah Press, pp. 115-136.
- SKIBO, J. M. 1992. *Pottery Function: a use-alteration perspective*. New York & London, Plenum Press.
- SKIBO, J. M., SCHIFFER, M. B. KOWALSKI, N. 1989. Ceramic style analysis in archaeology and ethnoarchaeology: Bridging the analytical gap. *Journal of Anthropological Archaeology*, 8: 388-409.
- SKIBO, J.; FEINMAN, G. 1999. *Pottery and people*. Utah: University of Utah Press.
- STARK, M. *et al.* 2008. Why breaking down boundaries matters for archaeological research on learning and cultural transmission: an introduction. In: STARK, M. *et al.* *Cultural Transmission and Material Culture: Breaking Down Boundaries*. Tucson: The University of Arizona Press, pp. 01-16.
- VAN DEN BEL, M. 2015. Rituais funerários e deposição cerâmica nos sítios AM 41 e La Point de Balaté: repensando o período cerâmico tardio na planície costeira oeste da Guiana Francesa. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*, vol. 10, no. 1, pp. 11-45, 2015.
- VELDE, B. DRUC, I.C. 1999. *Archaeological ceramic materials: origin and utilization*. Berlim/New York: Springer-Verlag.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. B. 1986. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.